

A violência intrafamiliar e seus reflexos na criança da educação infantil.

Kaysla Kassia e Silva

Universidade Regional do Cariri (URCA)

kaysla-kassia@hotmail.com

Emanuela Nobrega Lemos

Emanuela

Universidade Regional do Cariri (URCA)

RESUMO

A violência intrafamiliar se torna cada vez mais presente e visível nos lares domésticos, assim, atingindo de forma direta ou indireta as crianças que presenciem ou sofram a ação. Consequentemente, desencadeando repercussões negativas em seu desenvolvimento. É de suma importância entender a violência não apenas enquanto agressão física, mas considerar outras formas de manifestação, como a verbal e psicológica. Neste artigo, será analisada de forma crítica, como a criança, vítima destes contextos, externaliza sequelas no âmbito escolar e discutido de que maneira o ambiente agressivo pode intervir na personalidade em construção da criança e seu comportamento. É válido ressaltar que os impactos em sala de aula encontram-se com incidência cada vez maior. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa de estudo de caráter descritivo e deu-se a partir de levantamentos bibliográficos, em base de dados e livros condizentes com a temática, e consequente análise dos textos pertinentes. Chegou-se ao entendimento de que o sistema educacional precisa estar melhor preparado para lidar e colaborar com esse público, enquanto proposta de formação cidadã assim como por uma questão de empatia sensibilizando-se com a situação da vulnerabilidade infantil. O acolhimento no ambiente escolar não exige a participação fundamental da família no desenvolvimento saudável de suas crianças, mas favorece para que se sintam compreendidas diante da situação em que vivem, colaborando assim com a percepção de segurança e pertencimento. Podendo, inclusive, contribuir positivamente para que as crianças desenvolvam o entendimento de não reprodução da violência assim como, atuar na diminuição de interferência no aprendizado.

Palavras chaves: Educação, Violência, Criança.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade levantar questões acerca de como a educação pode intervir positivamente na vida de crianças que sofrem a violência intrafamiliar, problema que sempre permaneceu atual, independente de meio social, cultural ou econômico de cada família atingida. Será analisada de forma crítica, como a vítima destes contextos, externaliza sequelas no âmbito escolar e discutido de que maneira o ambiente agressivo pode intervir na personalidade em construção da criança e seu comportamento. Aqui serão destacadas, as agressões psicológicas, verbais e físicas como maneiras que trazem prejuízos ao indivíduo, podendo interferir negativamente em sua personalidade que se encontra em formação, o que poderia ser catastrófico. O objetivo central da pesquisa será mostrar como é necessário a melhoria no sistema educacional e como é de suma importância a conscientização dos professores, para com que isso, o acolhimento seja realizado e o ambiente possa contribuir com as situações, ajudando a criança a não reproduzir abusos ou se desfaça de sentimentos reprimidos que a impeça de agir com naturalidade em toda sociedade com essas informações, será desenvolvido um trabalho colaborativo, aflorando a conscientização dos docentes para que eles tenham empatia e atenção para com seus alunos levando a compreensão do educador a respeito de seu papel frente à violência doméstica.

Essas violências são explicadas como uma atitude educativa e como uma opção de correção de comportamentos indesejáveis, quando na verdade, esse método é o principal responsável em deixar algum tipo de dano no aprendizado escolar ou conseguindo intervir na personalidade, o formando em uma criança agressiva ou mostrando-se em constrangimentos atitudes tomadas socialmente.

Esse trabalho é fruto de uma inquietação diante de números crescentes de crianças que estão externalizando comportamentos não adaptados em sala de aula, em virtude da realidade que possuem em casa, realidade está cercada de agressividade e violências. As manifestações demonstradas revelam que as marcas físicas visíveis no corpo deixam um rastro de marcas psicológicas invisíveis e profundas.

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa de estudo de caráter descritivo e deu-se a partir de levantamentos bibliográficos, em base de dados e livros condizentes com a temática, e consequente análise dos textos pertinentes. Para citar alguns teóricos, será tomado como referencial Costa (1984), Hutz (2005), Kramer (2007), entre outros. Dessa maneira, propondo entender sobre a problemática.

Combater a teia de violência que muitas vezes começa dentro de casa e em locais que deveriam abrigar, proteger e socializar as pessoas é uma tarefa que somente poderá ser cumprida pela mobilização de uma rede de proteção integral em que a escola se destaca como um alicerce a ajuda.

Chegou-se a conclusãp de que o sistema educacional precisa estar melhor preparado para lidar e colaborar com esse público, enquanto proposta de formação cidadã assim como por uma questão de empatia sensibilizando-se com a situação da vulnerabilidade infantil. O acolhimento no ambiente escolar não exime a participação fundamental da família no desenvolvimento saudável de suas crianças, mas favorece para que se sintam compreendidas diante da situação em que vivem, colaborando assim com a percepção de segurança e pertencimento. Podendo, inclusive, contribuir positivamente para que as crianças desenvolvam o entendimento de não reprodução da violência assim como, atuar na diminuição de interferência no aprendizado.

2. ENTENDENDO A VIOLENCIA INFANTIL

A violência contra crianças esteve presente na história da humanidade desde os mais antigos registros, como afirma De Mause, em uma visão bastante pessimista:

“A história da infância é um pesadelo do qual recentemente começamos a despertar. Quanto mais atrás regressamos na História, mais reduzido o nível de cuidados com as crianças, maior a probabilidade de que houvessem sido assassinadas”. (Mause, 1975 apud Faleiros, 2007)

O problema da violência intrafamiliar vem desde a antiguidade, mas se apresentava como um assunto silencioso e de difícil constatação por vários motivos. Costa (1984) nos proporciona uma boa definição de violência como sendo aquela situação em que o sujeito foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessário ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar.

Para Kaloustian & Ferrari (1994), a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes.

Ela exerce um papel decisivo na educação formal e informal; é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e morais, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. Na construção da identidade desde cedo a criança vai interiorizando as influências do contexto familiar do qual faz parte. Os pais colaboram nessa construção adaptando suas habilidades cognitivas, a sua individualidade pelas tarefas que lhe oferecem para desempenhar no ambiente familiar e escolhendo outros contextos aos quais os filhos estão expostos, por exemplo com outras crianças com quem brincam.

Será nesse reconhecimento com os outros que a criança começará a se identificar, ou seja, a assumir uma identidade subjetiva. Esse é um fenômeno construído pela dialética entre a identidade atribuída pelos outros e a identidade que a própria criança irá desenvolver subjetivamente (PAPALIA et al, 2010). Com apoio nisso, crianças estão em amplo acréscimo biológico, psicológico e social. Porém, existe uma vulnerabilidade e receptividade aos estímulos internos e externos que participam na formação de sua identidade. Por isso, esses sujeitos suportam em si potenciais construtivos, destrutivos, reparadores e criativos, seja de vida ou de morte que podem ser estimulados e reprimidos pela cultura, por meio da natureza das relações afetivas e dos valores e normas estabelecidas pelo meio (LEVISKY, 2002).

Assim, a violência intrafamiliar se caracterizaria por uma ação ou omissão que prejudique a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao completo desenvolvimento de outro membro da família. Sua ocorrência pode ser observada dentro ou fora de casa por algum membro da família, independente da consanguinidade, incluindo pessoas que passem a exercer uma função parental. Por isso, ressalta-se que essa violência não se refere apenas ao espaço físico onde ocorre, mas também às relações em que se constrói e efetua (CESCA, 2004).

O mais comum tipo de violência são os maus-tratos. O primeiro normalmente é uma violência que se repete cotidianamente, podendo atingir mais de uma criança da família, e que se caracteriza pelo constrangimento, a dor e o sofrimento psíquico. Já o segundo, indica a

omissão dos responsáveis pela criança em prover suas necessidades básicas e direito que contribuíram ao seu desenvolvimento como sujeito (FARIAS, 2005).

Deve-se considerar também que o sujeito submetido a algum tipo de violência não passa imune a esse sofrimento. Normalmente esse sujeito pode ficar dividido entre o amor que sente pelo progenitor e o ódio diante da violência física e emocional exercida ou permitida por este. O possível desamparo decorrente de um abandono pode adquirir proporções que o ego da criança, ainda bastante fragilizado, não tem condições de suportar (AZEVEDO, 2001).

Assim, os efeitos e consequências da violência intrafamiliar para o agredido são: baixa autoestima; tristeza, angústia, ansiedade, insegurança, incerteza, problemas de autocontrole e condutas exageradas; dificuldades de concentração, dependência econômica e emocional; padrões de condutas violentos; depressão e estresse. (CORSI, 1999 apud SANTOS & COSTA, 2004).

Em outras palavras, é no ambiente familiar que ocorrem os eventos mais significativos da vida dessas crianças e dependendo de como esses fatores se estabelecem veremos as implicações resultantes na personalidade.

3. FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA: FÍSICAS, PSICOLÓGICAS E VERBAIS.

VIOLÊNCIA FÍSICA: A violência contra crianças é uma relação social de poder que se manifesta nas marcas que ficam principalmente no corpo, machucando-o, causando-lhe lesões, ferimentos, fraturas, queimaduras, traumatismos, hemorragias, lacerações, mordidas, inchaços, hematomas, mutilações, desnutrição e até morte. Ela revelar-se em desiguais graus, cuja rigidez e gravidade podem ser medidas pela intensidade da força física empregada pelo agressor, pelo grau de sofrimento causado à vítima, pela gravidade dos ferimentos ocasionados, pela frequência com que é aplicada e pelas seqüelas físicas e psicológicas que provoca. Segundo Brasil, 2002 “atos violentos com uso de força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas, da criança e adolescente, com o alvo de ferir ou destruir a vítima, deixando ou não marcas evidentes em seu corpo”. Essa violência é acompanhada por sentimentos como receio, terror, submissão, alarme, agonia psíquica, constituindo-se ao próprio tempo em violência psicológica. No domínio familiar, essas assombrações se vinculam ao uso da força e do poder na relação de elevação ou autoridade

que uma pessoa desempenha sobre outra que dela depende ou que a ela esteja ligada por laços afetivos, de parentesco ou de afazeres. Ela se torna acobertada pelo silêncio, negação e, nos casos de referência a serviços de saúde, suas marcas são muitas vezes relevadas como se tivessem sido causadas por acidentes.

VOLENCIA PSICOLOGICA: Segundo Brasil, 2002, ela constitui com toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes e utilização da criança ou do adolescente para acatar às precisões psíquicas dos adultos é uma relação de poder desigual entre adultos dotados de autoridade e crianças e adolescentes dominados, encetando com vários tipos de humilhações e desvalorização. Esse tipo de violência não ganha um destaque como deveria ganhar, mas ela é frequente nas situações de violências. Diferente da violência física, a psicológica não deixa riscos imediatamente visíveis no corpo, mas destrói a autoimagem da vítima e se manifesta no comportamento da criança. Ela consegue afetar as atitudes e as emoções, cooperando até mesmo na incapacidade da criança em interatuar socialmente dentro das condições consideradas próprias de sua idade, podendo tornar-se passiva ou agressiva.

VIOLÊNCIA VERBAL: É representada através de repreensões, xingamentos, gritos, insultos, ameaças, humilhações e críticas. Ela é tanto prejudicial como as demais e é responsável por o transtorno pós-traumático. A agressão gera consequências dolorosas e traumáticas, conseguindo transformar um ambiente que deveria ser um local repleto de harmonia, em um local doentio, interferindo diretamente na maneira da criança se desenvolver. Winnicott afirma que:

"Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade. Por outro lado, a agressão pode ser um sintoma de medo. [...] De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens". Winnicott, 1939.

A violência intrafamiliar se torna uma das origens dos atos violentos.

RELAÇÕES ENTRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE FAMILIAR E A AGRESSIVIDADE DA CRIANÇA EM SALA DE AULA.

Segundo Luna, Ferreira e Vieira (2010), vivenciar violência durante a infância pode gerar diversas repercussões, sendo que algumas delas podem se prolongar por toda a vida, como por exemplo, hiperatividade, comportamento agressivo e rebelde, problemas de aprendizado, dificuldade de relacionamento, sintomas depressivos, ideias e/ou tentativas de suicídio. Pode-se observar, também, fadiga constante, distúrbio do sono, perda ou excesso de apetite, enurese e/ou encoprese, desnutrição, lesões físicas observáveis, infecções urinárias, dor ou edema na área genital ou anal, doenças sexualmente transmissíveis, comportamento inadequado para a idade (sedutor ou sexualizado). Diante todos esses sintomas, é possível verificar a interferência em sala de aula.

Como os educadores lidam com essa questão e como eles podem intervir para minimizar os danos sofridos por estes jovens, são reflexões que precisam ser pensadas e melhores discutidas, pois este tipo de situação envolve não só um posicionamento ético do professor enquanto tal, mas também como cidadão. Para se propor um caminho de intervenção/prevenção é preciso conhecer a realidade dos indivíduos que a compõe, os profissionais de diferentes áreas de atuação, as crianças e adolescentes, as famílias, os fatores culturais que os permeiam, o contexto social, enfim, considerar as particularidades de cada ser humano.

Kramer (2007), afirma que as concepções de infância são construídas social e historicamente. É necessário enfatizar que, a introdução da ideia de infância e seus papéis são variadas de acordo com a organização da sociedade. Por isso, essa noção de infância não existiu sempre e da mesma forma.

No desenvolvimento infantil observa-se também os fatores de risco envolvidos no prejuízo a esse desenvolvimento. Mas o que seriam esses fatores de risco? Reppold e outros (2002) citam que eventos estressantes da vida, que pode ser qualquer mudança no ambiente que normalmente induz a um alto grau de tensão e interfere nos padrões normais de resposta do sujeito, têm sido associados a uma grande variedade de distúrbios físicos e mentais. Por isso, é necessário que profissionais que atuem na área de infância e adolescência tenham conhecimento desses fatores de risco que prejudicam o desenvolvimento infantil para que possam atuar na

prevenção ou interrupção do risco. Nesse sentido, o papel do docente pode ser fundamental por apresentar um olhar mais amplo que contemple além das demandas educacionais, contribuam sobre esse aspecto.

Ainda assim, Hutz (2005) menciona que pesquisas médicas têm contribuído para observar os casos de violência contra crianças e demarcar os prejuízos psicológicos associados à conduta agressiva dos pais. E a partir dessas pesquisas foram elaborados modelos teóricos que ressaltam três pontos de elucidação: o primeiro, seria a reprodução, por parte da criança, de experiências de violência; o segundo, envolve o desajustamento familiar e psíquico dos pais; e por último, a organização macroestrutural da família.

4. OBJETIVOS

a. Objetivo Geral

Mostrar como é necessário a melhoria no sistema educacional, como é de suma importância a conscientização dos professores, para com que isso, o acolhimento seja realizado e o ambiente possa contribuir com as situações, ajudando a criança a não reproduzir abusos ou se desfaça de sentimentos reprimidos que a impeça de agir com naturalidade em toda sociedade.

b. Objetivos Específicos

- Desenvolver um trabalho colaborativo, aflorando a conscientização dos docentes para que eles tenham empatia e atenção para com seus alunos.
- analisar a compreensão do educador a respeito de seu papel frente à violência doméstica.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa de estudo de caráter descritivo e deu-se a partir de levantamentos bibliográficos, em base de dados e livros condizentes com a temática, e consequente análise dos textos pertinentes. Para citar alguns teóricos, será tomado como referencial, Costa (1984), Hutz (2005), Kramer (2007), entre outros. Dessa maneira, propondo entender sobre a problemática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora possa apresentar limitações, visto as peculiaridades familiares, toda pesquisa contribui para a conscientização das consequências que os danos da violência intrafamiliar conseguem trazer para o desenvolvimento infantil, sinalizando a importância de estratégias que possibilitem o descortimento pelos profissionais da educação.

A violência intrafamiliar interfere diretamente no processo educacional e nas relações estabelecidas no contexto escolar, estimulando a agressividade e outros comportamentos inoportunos neste meio, podendo significar um verdadeiro reflexo do tratamento recebido no ambiente familiar. Os profissionais da área de educação, devem estar atentos, sensibilizados e capacitados para identificar e atuar ao menor sinal dado pelas crianças (RISTUM, 2014).

Considerando que os professores muitas vezes passam mais tempo com seus alunos do que ao lado dos seus familiares, a grande reflexão do docente com os demais educadores (pedagogos, diretores, orientadores e outros funcionários da escola), é que se faz preciso possuir conhecimento do seu papel perante a criança que sofre com algum tipo das violências citadas,

para que com as observações dos sinais que elas apresentam, seja possível intervir com acolhimento, transmitindo um contexto de segurança e ajuda.

Deste modo, acredita-se que o preparo dos professores com seus educadores é fundamental para que se possa amenizar o abuso. É de suma importância ressaltar alguns cuidados de educador para educando, que sofreu agressão ou não, que possa intervir positivamente no seu psicológico, tais como conversar diariamente mostrando preocupação e carinho, o afeto se torna o principal alicerce para os desenvolvimentos dos casos.

É preciso se posicionar com empatia e usar as ferramentas que a escola dispõe, enquanto espaço destinado para o cultivo de conhecimento, que sejam pensadas e aplicadas estratégias que auxiliem o cenário escolar podendo estender-se a comunidade. Atingindo assim os familiares, de onde segundo esta pesquisa, parte grande parcela da violência sofrida pelas crianças.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Elaine Christovam de. Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Em: Psicologia: ciência e profissão, Vol. 21, n. 04, Dez/2001, (p. 66-77).

BRASIL, Ministério da Saúde. Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde / Secretaria de Assistência à Saúde, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. Em: Biblioteca de Psicanálise e Sociedade. Vol. 3, 1984, Rio de Janeiro: Paz E Terra Editora.

CESCA, Taís Burin. O Papel do Psicólogo Jurídico na Violência Intrafamiliar: Possíveis Articulações. Em: Psicologia & Sociedade, Vol. 16, n. 3, SetDez/2004, (p. 41-46).

ESCOLA QUE PROTEGE: Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes / Vicente de Paula Faleiros, Eva Silveira Faleiros, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008, 2ª edição.

FARIAS, Eliane Pessoa de. Violência contra bebês. Em: XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, 2º Parte. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 39, n. 3, 2005, (p. 59-66).

HUTZ, Claudio Simon. Violência e Risco na Infância e Adolescência: pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, (p. 140-170).

KALOUSTIAN SM & Ferrari M 1994. Introdução, pp. 11-15. In SM Kaloustian (org.). Família brasileira, a base de tudo. Ed. Cortez-Unicef, São Paulo-Brasília

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. Em: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Jeanete Beauchamp (Org.), Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, (p. 13- 24).

LEVISKY, David Léo. Construção da identidade, o processo educacional e a violência – uma visão psicanalítica. Em: Pro-Posições, Vol. 13, n. 2 (39), SetDez/2002, (p. 99-112).

MINAYO, M. C. S. (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PÍNEA, CONHECIMENTO DO EDUCADOR SOBRE SEU PAPEL PERANTE A CRIANÇA QUE SOFRE DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. 2011. 9f. VII ENCONTRO DA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL.
Londrina. 2011.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos & FELDMAN, Ruth Duskin. O mundo da criança: da infância à adolescência. Tradução: Rita de Cássia Albuquerque Caetano e Jacira dos Santos Cardoso. Ed. 11. Porto Alegre: AMGH, 2010, (p. 383-396).

RISTUM, M. As marcas da violência doméstica e a identificação por professor do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2014.

REPPOLD, Caroline T., PACHECO, Janaína, BARDAGI, Marúcia & HUTZ, Cláudio Simon. Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em: *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*, Cláudio Simon. Hutz, (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, (pp. 7-51).

VIEIRA, *VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VISÃO PSICANALÍTICA DAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL*. 2015. Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como requisito final à conclusão do Curso de Psicologia, 2015, 65f, Monografia, Brasília, 2015.

WINNICOTT: agressividade e teoria do amadurecimento. *Nat. hum.* [online]. 2000, vol.2, n.1, pp. 9-48. ISSN 1517-2430.